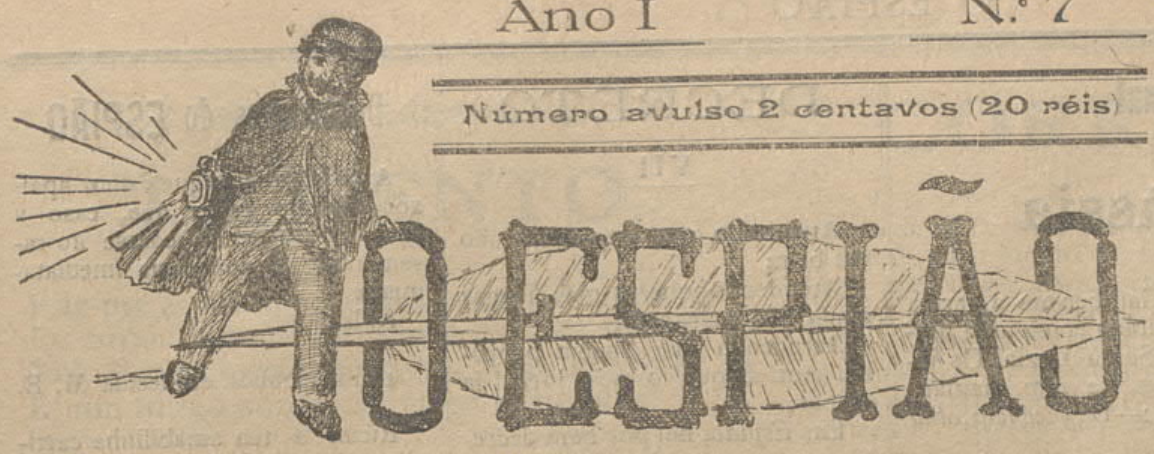
Ano I N.º 7

Número avulso 2 centavos (20 réis)



Quinzenário humorístico e literário

Guimarães, 4 de Abril de 1915

DIRECTOR E EDITOR,
Manuel José da Costa Guimarães

SÓ

Sem ser de António Nobre

Redacção e Administração—Rua Egas Moniz, n.º 11

Propriedade da Emprêsa «O ESPIÃO»

Composto e impresso na Tipogafia Minerva Vimaranense
68, Rua de Paio Galvão, 72

Não morre, vive!

Línguas de ponta e mola rufiaram por aí, à farta, no ródapé brutalíssimo da inveja e da maledicência, sôbre a não continuidade da publicação dêste modesto e despretencioso quinzenário, propalando, aos quatro ventos, que, após o desfalecimento, lhe tinha sobrevindo a morte.

Não, não é verdade.

E' certo que o ensurdecedor alarido das gralhas, sabujamente hipócrita e quiçá insidioso, para não dizer também abelhudo, coagiu *O Espião* a munir-se de mais armas — *pimenta e mostarda!* — para defender-se vantajosamente dos tam agourados...desfalecimento e morte que lhe pretendiam dar, em horas fatídicas de duendos e de malígnos fradejantes bôrras.

O Espião não morre, vive para a chacota, para o chiste e para a graça inofensiva, aliando, para com os seus inimigos, e que não poucos são, o sarcasmo da alegria com a indulgência do desprêso, como aconselha *Chamfort*, ainda que muito lhes doia. E não morre, porque além de se ter munido de novas armas, como acima dizemos, alentou-se também com novas fôrças como abaixo afirmamos, que o habilitam a levar de vencida todos os obstáculos e trambôlhos que se lhe deparar e lhe atirem, a rir, a gargalhar, como *Quixote* na investida cavalheiresca dos famosos *molignos!*

Alenta-o uma nova, prestante e valiosa colaboração que será adorada, idolatrada, venerada, talvez pranteada, e tudo o mais que acabar em... *ada*, por tudo quanto fôr pretendente à boa desopilação do fígado; até mesmo o sultão de Constantinopola, que recebeu o sol da India e as adorações dos Bramenes, e que em breve vai receber a encómoda visita dos aliados que forçam os Dardanelos, vai rir a bandeiras despregadas, ou rôtas, da nova colaboração de *O Espião*, se antes não morrer com algum *tum* que o leve de presente aos domínios de Plutão.

Mas, o que é mais ainda, contamos com o concurso dos génios mortos e dos mediocres vivos. Assim Franklin promete instalar no nosso edificio redactorial, um pára-raios para nos livrar dos perigos da trovoada; Herochell um telescópio para vermos as evoluções do sr. Pimenta de Castro na lua; os irmãos Mongolfier um balão cativo para lobrigarmos o ajardinamento do Campo do Proposto; Edisson, o grande americano contemporâneo, o telefone para falarmos com o Senhor dos Depenados para nos limpar o cotão das algibeiras; Daguerre um aparelho para fotografarmos a justiça de mouro do sr. Guilherme Moreira e os salamaleques do sr. Brito Camacho, etc., etc. Também encomendamos ao seu auctor que não conhecemos, um espectrocópio, moderno instrumento maravilhoso, para o qual não há mistérios nas concavidades celestes, e que poderá determinar e contar tam perfeitamente o número de *metais* e *metaloides* que entram na composição química de todo o ministério.

Pôsto isto, o que já não é tam pouco, diremos mais a todos os que nos lêem e aos que de futuro nos ler, que também deve ser bôa gente, que o endiabrado *Espião* vive, é e será sempre o jornal da bôa e fina graça portuguêsa, e toma para si, sem nunca o ter visto, a divisa do poeta italiano:

Segui il tuo corso; e lascia dire legenti.

«Segue o teu caminho e deixa falar quem fala».

Cartão de felicitações

Aos nossos colaboradores, assinantes, leitores e leitoras, amigos e inimigos, ricos e pobres, indigentes e penurientes, páscoas felizes, com flores, amêndoas e pão de ló, sêmea e muita **brôa.**

Versos dum depenado

Ver os mares impolados,
Numa rôta embarcação,
Furioso e grande furacão,
Deixar os mastros quebrados;
Ver contra si conspirados
Os déspotas do mundo inteiro;
Sofrer dum forte guerreiro
O furor, o saque, o pranto,
Não causa tormento tanto
Como a falta de dinheiro.

Quadra 1.º de abril

Extraída de um postal anónimo, cujo autor parece estar com... febre.

«Eu ei de matar quem mente,
«Restaurar minha paixão;
«Os homens são os que mentem
«As mulheres não mentem, não.

Parece preparar-se fita. Temos drama?

Alerta, D. Afonso...

Fantómas.

EPIGRAMA

Um pedante, um malcreado,
Da classe esculapina,
Sendo pobre como Job,
Deu com uma boa menina.

O dinheiro o fêz soberbo,
E também enfatuado,
Julga-se acima de todos
Não merecendo um *linguado.*

E' malvado por acinte,
Ninguém pode ser peor,
E quem se meter com êle,
Certo não leva a melhor.

Sabe bem *cortar* casacas,
P'ra isso tem muito geito,
E dando-lhe essa veneta
Leva então tudo a eito.

Julga mal de toda a gente,
A êsmo, sem distincões,
E quando comer não pode
Aos outros chama ladrões.

Não se lembra êste sandeu
Daquele antigo rifão:
«Não digas mal do teu próximo
Que o mesmo de ti dirão».

Um dia pensou em Deus,
E não sei como tal fêz,
Até podia apostar
Que foi a primeira vez.

Talvez fôssem os remorsos
Dos pecados cometidos,
Que a isso o obrigassem
P'ra aliviar os sentidos.

Fôsse o que fôsse, é certo,
Qu'êle de Deus se lembrou,
E um rosário de contas
Ao pescoço pendurou.

Também lhe ajuntou o Cristo
Com grandíssima hipocrisia;
Se isto o livra do inferno...
De certo o saberá um dia.

Já o sabe certamente,
Porque o maldito acabou,
Foi o malvado Iscariote
Que p'ra'i ontem estourou.

Tum.

Picando...

De todos os jornais correspondente,
Mentiroso, hipócrita e intrujão,
Comendo toda aquela santa gente
Que o julga com muita devoção:
Contudo, êle parece um inocente,
Que não conhece a sua esquerda mão.
Bem fez o nosso amigo, sr. Rochita
Ensinando com bombo um jesuita!

Zeca.

Uma entrevista sensacional

Môscas da Prússia

—Então, tia Vicência, como passa êsse corpinho?

—Ora como hà-de passar meu Manaquinha, como passam os de todas as pessoas da minha idade. Sempre doente, coberta de andrajos, corrida e apupada pelo rapazio, sempre com o maldito chasco—*O' Vicência, olha o ratinho!*

A minha muela é uma perfeita botica, ou antes um perfeito bazar, nada lhe falta desde a herva cidreira dos balados á mostarda do sr. Mourão. Ainda assim sinto violentas dôres na cabeça que me fazem, por vezes, abrir a bôca em espasmos de horrôr.

«Vicência»

—Tome banhos de chuva, tia Vicência, banhos de chuva...

—Qual banhos de chuva, de vinho, de vinho é que eu tómo, e tam alegre me fazem que canto a *Maria Cachucha* ao cair da tarde e o *Malhão* ao tombar da noite.

—E uma pitada do *vinagrinho*? Vai uma, vai uma, tia Vicência?

—Tomarei, amiguinho, tomarei, porque eu sempre gostei de tomar; e tanto tenho tomado que ás vezes espirro em duplicado com estranho ruido...

—E' bom tia Vicência, é bom, alivia-se, consola-se e fica com melhor apetite...

—Assim é, amiguinho, assim é, e desde que tomei forte, a glandula lacrimal, que me desfeiava, já vai pingando pouco, muito pouco, não fazendo já uso da ponta do avental para a enxugar. Ando agora na descoberta duma pomada para me tirar as rugas que os anos me teem feito no rôsto e conto em breve conseguir essa maravilha.

—Sêbo, sêbo, tia Vicência. O Bernardo, *olha a mula*, tem feito bôa aplicação dessa gordura com bom aproveitamento...

—Ora sêbo, sêbo, para os morcêgos virem lamber-me a careta e eu ficar lambida como uma *passarinha* da Santa Luzia. Os janotas fugiriam de mim chamando-me depois:—*O' Vicência, olha o morcêgo!*

—Então tem pretendentes, tia Vicência? tem pretendentes?

—Aí! amiguinho, não me fale nisso, são mais de sete cães a um ôsso. Uma coisa é vê-lo e outra é dizê-lo. Quando vou de manhã á missinha dos repiques, as entradas da igreja estão cobertas de janotas, parvalheiros, politicos e caixeiros, enfim, tudo quanto é vadiante e aspirante ali se encontra. Posso dar-lhe um jura-

«Manaca»

mento de alma em como sou venerada, adorada e idolatrada por tudo quanto é pretendente. No meu regresso ao *presépio*, chovem as cartinhas amatórias pedindo-lhes conceda, ao menos, uma hora de audiência. Os soldados do regimento 20 não fazem mais festas ao pret, quando recebem a quinzena, do que fazem êstes meliantes quando passo, pelas ruas da cidade, alegre e sorridente.

—A tia Vicência quando vai á igreja resa muito?

—Se reso! nem se pergunta! Tanto reso que ás vezes até me esqueço do que estou fazendo.

—Mas assim não alcança o ceu como deseja.

—Quem foi que lh'o disse?

—Digo eu. E' preciso resar com muita fé, com muita devoção, com muita seriedade e quando assim não seja perde-se e vai paru o inferno.

—Não faço essa conta, mas se fôr para o inferno, nêsse momento da resa, não dou pelos tormentos com a piteira que lévo;

—Adeus, adeus, tia Vicência.

—Adeus, adeus, amiguinho! até mais vêr...

Ferrabraz.

DECRETO

VII

Atendendo que isto assim não vai bem;

Atendendo que as más linguas ainda não acabaram;

Atendendo que alguêm propalou por aí que o meu jornal ía acabar;

Eu, *Espião*, hei por bem decretar aos meus colaboradores, assinantes e leitores, que o meu jornal continuará a sair na forma do costume, isto é, quinzenalmente, devendo toda a correspondencia e tudo o mais que pertença à redacção e administração ser dirigida ao meu director.

Guimarães, Sala das Sessões aos 3 de Abril de 1915.

AVISO

Prevenimos os nossos estimados assinantes que de ora avante não satisfaçam os pagamentos dos recibos sem verificarem nas costas dos mesmos a chancela monograma **A. D.**

INSTANTÂNEOS

—Quem é que ficou atrapalhado com a regedoria?

—O João Garcia.

*

—Quem é que por causa da *Va...rru...mas*...passa uma enferneira?

—O Sampaio da Torreira.

*

—Quem é que anda sempre teso e para descanço o pinheiro agarra à unha?

—E' o Zéca Cunha.

*

—Quem é que para Aveiro foi vender sapatos, botas, chinelas e galochas?

—Foi o Zé das Rochas.

*

—Quem é que por terem dito a verdade de frisar os cabelos, anda muito zangadinha?

—E' a Rosa Pombinha.

*

—Quem é que pediu ao seu namorado a defeza neste jornal, para do L. fazer propaganda?

—A Armanda.

*

—Quem é que não tem juizo e quer defender a sua namorada, mas não vai lá da perninha?

—E' o namoro da Armandinha.

Fuinha.

PUBLICAÇÕES

Recebemos mais os seguintes periódicos:

«Noticias de Sintra», Sintra;

«Mundo Moral», Lisboa;

«Justiça de Fafe», (o que muita gente precisa);

«Aurora Académica», de Guimarães;

«Melro» de Guimarães;

«Sarilho» da Povoa do Varzim e «Tu p'ra cá vens de carrinho».

Agradecemos e vamos permutar.

Documentos do ESPIÃO

A carta que se segue é dum apaixonadissimo rapaz que, caso a sua namorada não cedesse ao casamento, se suícidaria imediatamente:

Ei-la:

«Minha nunca esquecida M. B.

Ricibi a tua amabilinha cartinha que me incheu o curação de tristesas em tu não sederes ao meu pedido de casarmos.

Cumo já tu disse eu cria-te para teu esposo, gosto muito de ti e os sonhos que todas as noites tenho levão-me ao suissidio.

Dás-me resposta ao teu futuro marido

A. C.»

Para verem: O homem easou e não houve novidade nenhuma... *e levanta-se um padeiro á meia noite para sustentarem êstes caturras...*

Meus Senhôres!

Como eu sou—*O Espião*,
Dei á dias na pista,
E fiz a celebre conquista
De Judas — O Testamento
A' minha mão apanhar:
E sabem os Senhôres o que fiz?
Meti em si o nariz
E eis-me no dado momento
De de cima abaixo a rachar!

E não terei rasão p'ra tal?
Tenho, ninguêm a duvida!
Pois quem perde no mundo a vida
E testamento tem já feito,
Terá pelas leis respeito,
Pelas leis consideração:
E nele, ainda não vi,
Ainda não percebi
Letra de Tabelião!

E testemunhas? Qu'é delas!
Aonde é que elas estão?
Os Senhôres não me dirão!
E' por isso que estou fulo!...
Pois já que a lei esqueceu,
Juiz nesta causa sou eu
Dou o testamento por mulo!?...

Pirângula.

Abutres de Paris

Terrível associação de bandidos e malfeitores, que estenderam as suas redes por toda a capital francêsa, contando por centenares as suas vítimas. A acção dos «Abutres de Paris» desenrola-se em volta duma herança de dez milhões de que os terríveis V resolveram apoderar-se a todo o custo.

Desconhecem todos os escrúpulos, e os raptos, os sequestros nos cárceres dum velho castelo e outras muitas scenas, levando ao cúmulo a emoção do espectador, que espera, cheio de assombro, o desenlace final, e nele o triunfo pertence, naturalmente, ao valoroso «detective» que soube defrontar todos os perigos para descobrir os V e apoderar-se decididamente dos «Abutres de Paris». Desenrola-se esta tragédia policial no «Cinema Chantecler», domingo, 4 dAbril.

Secção Literária

"LAMENTO,,

Puz-me a contar quantos dias de ventura
Eu tinha encontrado nesta agreste lida:
Volvi meu passado e toda a minha vida,
E' um longo sonho de farça e loucura.

Sorriu-me no berço a torpe desventura,
Osculou minh'alma sua bôca algida.
Mas que emposto ó alma tão desiludida,
Ai! que o dia p'ra ti, seja a noite escura?

Que me importa a vida para mim de luto,
Se por toda a parte só a dor escuto,
Se até tu meu Deus, te esquecerte de mim?

Dá-me a morte, dorme a paz supultura,
P'ra que um dia eterno cheio de ventura,
Eu possa meu Deus, contar ditoso em fim!

1915. *Rolando.*

Jesus, o Cristo

Os últimos raios do sol-poente iluminam sinistramente Jerusalêm com um clarão de incêndio.

Aguias enormes rasgam o ar em vôos possantes e rápidos e começa nas ramarias a orquestração dos pássaros.

Legionários romanos passam altivos com reluzentes couraças de aço, numa liberdade de vencedores, lançando olhares faiscantes de desejos para as morenas judias, que passeiam aristrocráticas e lindas, estranhamente voluptuosos com túnicas de seda cobertas de pedrarias.

Mercadores egípcios, num pregão soturno, vão anunciando figos grandes e maduros de Bethania, óleos e perfumes exquesitos...

Sentado nos degraus do Têmplo, Jesus cisma longamente, encostada a fronte larga de nazareno na mão nervosa e óssea, enquanto Madalena lhe afaga os cabelos fartos numa prolongada carícia.

De manso rolam-lhe pela barba loira duas lágrimas que ficam cativas nas dobras da sua alva túnica de lã como duas gotas puríssimas de orvalho...

Arrancou-o daquele profundo meditar a voz dum belo pegureiro adolescente que passava cantando, numa alegria descuidada de simples, uma cantiga singela toda cheia de unção religiosa.

Jesus ergueu-se e sorrindo tristemente para Madalena que o fitava, disse-lhe com a suavidade dum beijo:

—Em verdade te digo, Maria, que o mais feliz dos pecadores é aquele que não ama, porque não tem de sofrer a dôr feita de todas as dôres—a tortura do espírito em busca de Quimera. A Fé salvou-te e redimiu-te o teu amôr...

—O amor é imenso, mas pequeno ainda para o teu grande coração, Rabi...

E seguiram, amorosos e tranquilos, conversando pelo silêncio melancólico da noite.

Esplende agora o luar, branco e sereno de Oriente.

Jerusalêm adormecida parece envolta em espuma.

Verediano Gonçalves.

MUSEU MODERNO

—O chapeu do Tibério.
—O canto do mesmo.
—Os fantásticos coletes dos manos Freitas.
—A chieira do Bilontra.
—As tesuras do Pina (filho).
—O namoro da Isolina.
—O João das Trinas recebendo uma data de malcreado duma senhora distinta e elegante por ter a ousadia de lhe enviar as bôas-festas.
—Os passeios das Avenidas Miguel Bombarda e Cândido Reis.
—Os chinelos da Armandinha.
—Os inimigos do *Espião*.
—O bico do *Melro*.
—As pedras de S. Paio.
—A zueira do Lacerda.

«O Melro»

Reapareceu completamente modificado, êste quinzenario humoristico, sob a direcção dos snrs. Leão Martins, Julio Noronha, Augusto Serra e A. P. de Carvalho.

Em formato de revista, com caricatura e retratos dos perfilhados.

O Melro. quer na parte literária como humoristica, aprezenta-se dignamente bem posto.

Que tenha longa vida e que... cante à vontade.

Benvindo!

Vindo de Lisboa, regressa amanhã a esta cidade o nosso querido amigo António Lacerda Pinto, 2.º sargento de intantaria 20.

CORRE

Que um sujeito que mora na rua de S. Dâmaso deu-lhe na mania de caçar melros nos Capuchos e, segundo nos consta, até à data, não conseguiu dar caça a nenhum.

—Que no dia 3 de Março realizou-se na Escola Progresso uma festa a expensas dos pichotes da mesma, havendo no final vivório-ó-feguetório, saindo depois com os tocos nas mãos para as pedrarias da rua de S. Paio aonde descançaram até de manhã.

—Que a grande comissão que havia de levar a efeito a festa ao Senhor dos Desamparados, constituida por individualidades de arreigadas crenças católicas, se dissolveu.

—Que a mesma comissão já tinha angariado alguns donativos.

—Que alguns membros já gastaram algum dinheiro recebido em proveito próprio.

—Que o tesoureiro «Chucha» e o secretário «Móra», não contentes com êsse procedimento, resolveram, na imprensa, pedir a sua demissão, à grande comissão. pois antão!...

—Que o resto do dinheiro está em podêr do Pateta-ó-Livrório, presidente da referida comissão, que vai distribuir por toda ela o resto do dinheiro. ficando assim eternamente extinta.

—Que um «citoyen» residente na rua D. João I, frequentador assíduo de um café de Pucarinhos e têstos, cà do burgo, onde frequentes vezes costuma estar em alegre e divertida convivência com seu amigo e inseparavel Baco, um dia dêstes, deu audiência em sua casa, por volta da meia-noite, a um dos sócios duma sociedade secreta muito falada em tempos cá na parvónia.

—Que o referido sócio só se dá perfeitamente com o seu benfeitor, motivo este porque os apelidaram (e com muita razão) de Róquezinho e sua amiga.

—Que ainda não foram tomadas, na estação *ferrácia-óviária*, a favor dos carrejões, as providências necessárias sôbre a permanência de pessoas de familia dos guardas empregados na mesma estação, que lhes tiram o pão, na condução de malas a esta povoação!...pois então!...

—Que se essas providências não forem tomadas uma companha se levantará a favor dos carrejões.

—Que na questão da carestia do pão (pois antão!...) os operários cá do burgo se teem postado na devida altura: apreende todo o carro que conduza aquele cereal para açambarcadores.

—Que andando nós a organisar a lista dos nossos bondasos *caloteiros* só p'rós numeros seguintes é que principiarêmos a publicá-los.

—Que chegou no comboio da noite de ontem um vagon com seringas e escovas, destinados ao estabelecimento do *Figaro* da rua do ilústre Galvão.

—Que no mesmo se dão consultas permanentes á ultima hora.

—Que segundo nos consta, desapareceu desta cidade a simpática «donsela-russa», porque as pilulas que no último número lhe aplicamos fizeram encomodá-la.

Regresso feliz e rápido é o que lhe desejamos.

—Que a «Musa Vil» encravou... no prelo.

—Que os amigos do Petisqueira vão fazer uma recepção no dia do seu aniversario na Associação do Tacão.

—Que o discurso que S. Ex.ª fizer por essa ocasião, será publicado em letras garrafais cá no «Espião». Pois então!...

—Que agradecemos o convite que nos foi dirigido.

—Que o Sobras continua a vociferar contra as tentações da mulher.

Coitadinho! vai para o céu como um fuso!

—Que o sr. Pereira qualquer dia será «sujeito a uma pequenina demonstração...»

—Que o policia n.º 8, numa destas noites, no Cano, praticou uma proesa: um cidadão qualquer batendo á sua porta umas pancadas para que esta fosse aberta, foi abordado por o guarda que num ataque de estupidez policial o proibiu de bater. Mas como o sujeito não lhe desse atenção aconteceu que o guarda desandou com o sabre os costados do individuo. Houve gritos e logo varias pessoas compareceram, caindo por sua vez, sôbre o policia.

E' critico, mas é verdade...

—Que o testamento do Judas agradou mas não chegou para o que eles queriam...

Quem será?

Chama-se Manuel Mendes e é empregado numa loja de cabedais ali à rua de S. Paio. Usa chapeu da chapelaria Martins; colarinhos tezos da casa Hig-life, e sapatos, tacão de senhora, de sua casa. Muito amiguinho das raparigainhas donzelas e do resto... *é lá contrigo.*

O Torneio

Acaba de ser distribuido mais um número dêste jornal dos novos, destinado exclusivamente a campo de apresentação e tirocinio para os que se sentem com vocação para as coisas de literatura e que de ordinario teem na dificuldade das primeiras publicações, o maior entrave ao desenvolvimento das suas faculdades.

O Torneio veio preencher uma lacuna que muito se fazia sentir no jornalismo português, facultando as suas colunas a quem desejar fazer parte do número dos seus colaboradores, desde que um benigno conselho de redacção julgue os seus escritos em condições de serem admitidos.

Sendo um jornal de novos, mais parece ser colaborado por literatos de valor, tam bem redigido se nos apresenta nos números que recebemos.

A parte meterial é muito cuidada e elegante. Em suma é um jornal bem moderno.

Aqueles dos nossos leitores qu desejem conhecer melhor *O Torneio* podem pedir números especimens ao seu director *Correia de Faria*—**Kiosque de Campanhã**—*Pôrto*, que os inviará gratuitamente a quem os requisitar.

No seu género a casa «Londres em Guimarães» é a que mais sortido tem e melhores artigos vende. Corte inglês, sistema MINISTER'S

Loja de Sola

— DE —

Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortido em sola, cabedais e miudezas próprios para sapatarias.
Artigos de luxo para calçado.
Grande sortido em fivelas e aperta-laços para senhora e criança.
Exportação de calçado e depósito de malas de chapa e couro.
Preços baratíssimos.

13, Rua de S. Dâmaso, 15 — GUIMARÃES

BOLACHA INGLESA

— DE —

Hutley, & Palmers, Grawferd's Carr's e Peek Frean & C.as

MANUEL JOAQUIM DA CUNHA & MENEZES

Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

Massas alimentícias nacionais e estranjeiras

CHAMPAGNE E CONSERVAS

MERCEARIA---CONFEITARIA

CASA MARTINS

Mercearia e Confeitaria

106, Rua da Republica, 108 — GUIMARÃES

Casa sem rival, na venda do saboroso CAFÊ «DELICIOSO» especialidade da casa. O café é moido á vista do freguês. Neste estabelecimento tambem se vende o especial queijo da SERRA DA ESTRELA.
Há tambem um variado sortido de artigos de mercearia e confeitaria.

UMA VISITA A' CASA MARTINS

Ao guarda-sol elegante

Depósito de guardasois e bengalas

154, Rua da Republica, 160

GUIMARÃES

João Carlos Vieira de Andrade previne os seus amigos que acaba de tomar de trespasse a antiga e conhecida casa dos guardasois, estabelecida há longos anos na antiga Rua da Rainha.

Neste estabelecimento encontrarão sempre grande sortido de guardasois e bengalas, por preços convidativos.

Também continua a encarregar-se de todos os concertos de guardasois, desde o mais simples ao mais dedicado que apareça, tudo por preços sem competencia.

Uma visita ao estabelecimento, a titulo de experiência, será o suficiente para se certificarem da verdade do que fica dito.

MERCEARIA E CONFEITARIA ANDRADE

32, Largo da Oliveira, 33

Guimarães

Virgílio Vieira de Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguêses habituais da casa, que acaba de tomar de trespasse, a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.ª qualidade, e de confeitaria, como: sônhos, tortas, sardinhas de dôce, pão de ló fabricado pelo sistema de Margaride, frutas sêcas e caldeadas, etc., etc..

Recebem-se encomendas de dôce de prato, o qual se fornece com a máxima perfeição e aceio.

Preços convidativos.

Nova Mercearia

E

Confeitaria Vimaranense

Nêste novo estabelecimento, situado no Largo da Oliveira, n.os 14, 15 e 16, encontra-se à venda todos os artigos de mercearia e confeitaria de primeira qualidade e que vende por preços convidativos.
Especialidade em chá, café e azeite.

COSTA COLCHOEIRO

RUA EGAS MONIZ, 11—GUIMARÃES

Executa com perfeição e rapidez todos os trabalhos que digam respeito á arte de colchoaria. Tambem se encarrega da colocação de cortinas e toldos.

Preços módicos.

O ESPIÃO

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Trimeste. . . 12 centavos (120 rs.)
Pelo correio aumenta 3 centavos (30 rs.) para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e com., linha 4 cent. (40 rs.)
Repetição, linha . . 2 » (20 »)
Anúncios não judiciais, para os srs. assinantes, 25 °/₀ de abatimento.

O ESPIÃO

Publicação quinzenal

Ex.mo Sr.

.....

.....